

II

O CAMINHO DA MISERICÓRDIA

O caminho é um dos grandes símbolos universais para representar a existência humana, a partir da própria Bíblia que é atravessada por uma linha ininterrupta de itinerários que partem da expulsão do jardim do Éden, quando Adão pecador com Eva deixa para trás a árvore da vida e se encaminha para as terras desoladas e devastadas da história (*Gen* 3,24). Existe, porém outro percurso que se tornará decisivo, o do êxodo da opressão egípcia para a terra da liberdade: esta viagem histórica e metafórica – reeditada no regresso do exílio da Babilônia, cantado pelo Segundo Isaias (cap. 40-55) – assumirá o caráter de emblema do caminho para a meta definitiva escatológica, como ensina a meditação que o Livro da Sabedoria constrói sobre a experiência do êxodo (cap. 10-19).

Não se pode certamente ignorar que o próprio messianismo, que sustenta a constante esperança de Israel, está em tensão para o além e para o futuro, pelo que a própria história da salvação é uma linha dinâmica orientada e em movimento para a plenitude messiânica. Também o Novo testamento, que no Evangelho de Lucas (cap. 9-19) vê Jesus peregrino para Jerusalém e para o cimo da Ascensão, isto é, do regresso glorioso pascal ao Pai, é um constante apelo a «sair para Cristo fora do acampamento» da história, do tempo e do espaço terreno, porque «nós não temos aqui uma cidade estável, mas andamos à procura da futura» (*Heb* 12,13-14).

E a meta última é transcendente, é um horizonte eterno e infinito, a Jerusalém celeste, patente na invocação contínua da Igreja, esposa do Cordeiro: «Vem!... Vem, Senhor Jesus!» (*Ap* 22, 17.20). Lá deporemos o bastão de peregrino e a veste da viagem e alcançaremos finalmente a nossa casa definitiva onde «Deus será tudo em todos» (*1Cor* 15,28) e se nos dirá: «Esta é a morada de Deus entre os homens! Ele habitará com eles; eles serão o seu povo e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor. Porque as primeiras coisas passaram». Também Gandhi

alimentava uma esperança análoga à cristã: «Nós estamos aqui por poucos dias, depois não morremos mas simplesmente voltamos a casa».

Uma pista no deserto: um itinerário de amor

Contudo, com o símbolo do caminho, queremos agora celebrar a misericórdia. E o faremos através das duas admiráveis parábolas do Evangelho de Lucas que são ambas percorridas por um traçado sobre o qual avançam os protagonistas da narração. Este seu caminho transforma-se na estrada da misericórdia, a qual somos convidados todos a percorrer. De fato, o itinerário que rege as duas parábolas é certamente espacial e geográfico, mas torna-se um símbolo existencial, uma ideal peregrinação aberta a todos nós: de amor, no primeiro caso, de conversão no segundo. Iniciamos, então, com a primeira parábola, a célebre do Bom Samaritano (*Lc 10, 25-37*).

Uma viela serpenteia entre os montes áridos do deserto da Judá e desce, de penhasco em penhasco, dos 800 metros de Jerusalém aos mais de 300 sobre o nível do mar do oásis de Jericó. Um corpo ensanguentado jaz à margem daquela estrada: uma incursão de salteadores assim o reduziu, abandonando-o na solidão da estepe. A espera de um passante faz-se espasmódica, para nós que estamos a seguir a cena escutando a narração de Jesus. E eis, finalmente, ao longe um sacerdote do templo de Sião que, terminado o seu culto, reentra em Jericó, uma cidade residencial de sacerdotes.

Depressa, porém, eis a desilusão: «quando o viu, passou adiante», do outro lado da vereda, preocupado em não contaminar-se com o sangue de um ferido ou talvez, pior, com um cadáver. Para a lei bíblica, de fato, este contato teria inabilitado o sacerdote para o culto por um certo período, tornando-o “impuro”. Mas eis que chega o rumor de outros passos: é um levita, também ele dedicado ao serviço litúrgico do templo de Jerusalém. De novo a desilusão: também ele «viu e passou adiante». Agora a tensão está em alta. Para aquele pobre meio morto a esperança debilita-se.

Há, porém, um terceiro viandante, um samaritano; será que se pode esperar algo de bom de um “herético”, adversário dos hebreus, apesar da coabitação da mesma terra? Contudo, só ele para, se aproxima e se inclina sobre o desventurado: olha-o e sente “compaixão”. Este vocábulo não nos deve enganar reenviando à genérica piedade de um agente de saúde: no grego do Evangelho de Lucas, o verbo é mais apaixonado do que compassivo do amor misericordioso. De fato, é o termo *splanchnizomai* – sobre o qual retornaremos noutra ocasião – que evoca as vísceras maternas, a emoção mais íntima, intensa e delicada.

Não é por acaso que o seu amor é operativo e afetuoso: enfaixa como pode as feridas, derrama vinho e azeite segundo os métodos de pronto socorro antigo, carrega a vítima sobre o cavalo e retira-o quando chega à primeira hospedaria das caravanas que serve de albergue, e por duas vezes Jesus recorda o seu “cuidar” deste infeliz, não hesitando em contribuir pessoalmente com uma soma de dinheiro para os custos da estada. A narração evangélica está muito atenta em sublinhar a dimensão pessoal destes atos. É o que se indica através da repetição quase martelada do pronome pessoal grego *autós*: «chegou ao pé dele, aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, ... colocou-o sobre a sua própria montaria, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. ... Trata bem dele.»

O sacerdote e o levita encarnam a religiosidade rígida e formal que separa do próximo. O samaritano representa a verdadeira fé que se une à dor do outro com misericórdia para aliviá-lo. Se quiséssemos atualizar o impacto que a parábola gerava no auditório de Jesus, poderíamos transcrever a narrativa como fez um teólogo estadunidense. «Imagina tu, branco racista, talvez afiliado no Ku Klux Klan, tu que fazes barulho se num local público entra um negro e não perdes a ocasião para manifestar o teu desprezo e a tua aversão pela gente de cor, imagina encontrar-te envolvido num acidente de viação, em rua pouco frequentada, e estar ali a perder sangue, enquanto algum raro carro com um branco a guiar passa, freia mas não para. Imagina que a um certo ponto passe um médico negro e pare para te socorrer... ».

Para concluir, queremos reservar uma aceno à moldura da narração de Jesus e à pergunta daquele doutor da lei: «Quem é o teu próximo?». Interrogação “objetiva”.

quase acadêmica, destinada a definir quem é o verdadeiro próximo merecedor de tal título. No fim é Jesus a lançar a pergunta. Essa, contudo, é muito diferente: «Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?». O salto é evidente: em vez de discutir “objetivamente” sobre a definição de próximo (italiano, europeu, africano, asiático e assim por diante), Cristo convida a comportar-se “subjetivamente” como próximo relativamente a quem está em necessidade e que interpela a nossa humanidade e a nossa misericórdia.

Aquele estrada transforma-se, assim, na via existencial daquele que acolhe e pratica o mandamento capital de Cristo: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei». É significativo que uma certa tradição patrística, a partir de S. Agostinho, tenha visto no retrato do samaritano uma imagem do próprio Cristo. Nos muros de um edifício desmoronado, colocado exatamente na estrada romana que conduz de Jerusalém a Jericó e chamado livremente “o Khan (hospício das caravanas) do Bom Samaritano”, um anônimo peregrino medieval gravou o seguinte grafito: «Se até os sacerdotes e levitas passam diante da tua angústia, sabe que Cristo é o Bom Samaritano que terá compaixão de ti e na hora da tua morte te levará a localidade eterna».

Sobre a estrada de uma fuga e de um regresso: um itinerário de conversão

Há outro percurso da misericórdia que agora propomos: este é dúplice porque compreende uma fuga e um regresso, que têm um valor simbólico significativo. É, de fato, a história de uma rebelião, de um desvio e de uma degeneração moral, mas também sucessivamente assunto de um itinerário de conversão, com uma meta de redenção e salvação. Para delinear simbolicamente esta dúplice cena recorreremos a uma imagem que representa a chegada final desta estrada da conversão e da misericórdia.

É uma das telas mais célebres de Rembrandt, conservada no imenso museu do Ermitage em S. Petersburg. Essa ilustra a terceira das parábolas da misericórdia divina que Lucas quis compor em tríptico, no cap. 15 do seu Evangelho. Ao centro do

quadro do grande pintor holandês domina totalmente um pai que, com os olhos semifechados, num ato de ternura apaixonada, se curva para envolver num abraço o filho rebelde ajoelhado e arrependido. É fácil compreender que estamos falando de uma das mais intensas parábolas de Jesus, unida por Lucas à da ovelha perdida e recuperada (15, 4-7) e à da moeda perdida (15,8-10), ambas reencontradas.

Para definir esta narração evangélica recorre-se tradicionalmente a um adjetivo bastante raro, para não dizer obsoleto na linguagem comum hodierna, “pródigo” (15,11-32). E efetivamente este adjetivo adapta-se bem aos três atores da narração lucana. Temos, antes de mais, o pai: ele é “pródigo” no seu amor misericordioso para com os dois filhos. O filho mais novo é “pródigo” na revolta e no pecado, enquanto o filho mais velho é “pródigo” de orgulho e de mesquinhez. A nossa reflexão se detém na vicissitude do filho que decide cortar com a família, aquele que marcou o título tradicional a esta parábola chamada exatamente de “filho pródigo”.

É uma história que se repete ininterruptamente, criando pesadelos aos pais e mães, mas por vezes também resignação pela qual se apaga a chama da espera e do regresso e o germe da esperança se esgota na amargura. Não assim para este pai que continua a olhar o horizonte, ao longo daquela estrada que tinha presenciado a fuga do seu moço. É, de fato, significativo que todo o texto seja tecido sobre verbos de movimento. Se inicia desde as primeiras linhas quando, pedida a antecipação da sua parte de herança, o jovem *apedémesen*, em grego literalmente “saiu do seu *démos*”, isto é, do seu território, da sua aldeia, da sua comunidade familiar.

Logo depois, vemo-lo numa terra estrangeira enquanto se abandona a uma vida sem controle e sem regras, mas, depois deste parêntesis frenético e ilusório, vem o realismo de uma crise financeira e o moço é descrito enquanto vagueia sem meta naquela que lhe parecia a pátria da liberdade mais destravada e da felicidade, transformada ao contrário num lugar hostil. Lentamente cai na miséria, na abjeção e na humilhação. Assim é a via do pecado, dourada no início, fracassada no fim. É curioso notar que na linguagem vetero-testamentária o pecado seja descrito com vocábulos que evocam desvio, vaguear sem meta, errar o alvo.

Mas eis a reviravolta interior e exterior: «caindo em si... Levantar-me-ei, irei ter com meu pai ... levantando-se, foi ter com o pai.». Ora, na Bíblia “regressar”, em hebraico *shûb*, é o verbo da “conversão” e designa exatamente o regressar à estrada justa, depois de ter vagueado por caminhos enganadores nas terras desérticas do mal. A este ponto, o objetivo do narrador desloca-se sobre esta via do “regresso-conversão, projetando-se para a última etapa, a estrada de casa. Lá, como fazia cada dia, está o pai que espera e lança o olhar ao longe, nunca resignado no seu amor àquela partida. Improvisadamente vê uma silhueta perfilar-se no horizonte.

Logo o reconhece e «correu» para o abraçar: Jesus descreve a emoção daquele pai com um verbo típico que já conhecemos, aquele grego destinado a indicar as vísceras paternas que fremem de amor pela sua criatura. O termo é o citado *splanchnízomai* e, como teremos ocasião de explicar, apela seja ao ventre materno seja à geração paterna. A misericórdia, no seu aspecto mais terno e “visceral” (a costumada versão “teve compaixão” é, portanto, ténue e insuficiente), celebra agora a sua epifania mais alta e autentica, capaz de vencer qualquer desilusão e recriminação. De fato, na alegria do encontro do filho perdido, por duas vezes o pai repetirá: «este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado» (15,24.32).

Infelizmente, como é sabido, a parábola tem um aspecto amargo: o filho mais velho não quer partilhar a festa por este regresso. Ele não é capaz de viver a doçura da misericórdia e do perdão e fecha-se na frieza altiva e rude de apenas julgar. Ele está convencido de não ter necessidade de nenhuma peregrinação de conversão, firmemente certo da sua perfeição moral, um pouco como o fariseu de outra célebre parábola de Lucas (18,9-14). O verdadeiro alcance, que a inteira narração evangélica exige, é, verdadeiramente proposto por S. João Crisóstomo, grande Padre da Igreja do Oriente (IV século), quando declara: «o que é o pecado diante da misericórdia divina? É uma teia de aranha que uma rajada de vento basta para fazer desaparecer». O amor paterno de Deus e da pessoa boa desfaz as incrustações gélidas do mal, torna a culpa como uma teia de aranha que pode ser facilmente desfeita e dissolvida.